

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

174

INSCRIÇÕES 662-664



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado *VBI ERAT LVPA*, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iaraq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia

Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes

Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra

Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas

P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FLUC FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

UMA «ARA ROMANA» EM PROENÇA-A-VELHA?

Encontra-se, em reutilização, na igreja matriz de Proença-a-Velha uma pedra com letras, cuja tipologia copia a de uma ara romana.

Não se sabe onde foi encontrada e quando terá ido para a matriz. Trata-se de uma imitação, de autoria e cronologia incógnitas, sobretudo se tivermos em conta não apenas o letreiro que ostenta, mas também a ‘factura’: as molduras, do tipo gola directa e reversa (respectivamente, no capitel e na base), têm a superfície trabalhada a escopro de dentes, e o conjunto não está alisado, como é de hábito nos monumentos romanos, mas trabalhado a ponteiro fino. Contudo, as letras parecem antigas e a pátina também.

Dimensões: 40 x 26.

Campo epigráfico: 19 x 20.

ANA / [...] [?]VI · T

Altura das letras: 3,5.

A largo com travessão, horizontal, ligeiramente abaixo da meia altura; as hastes do N não se tocam; no final da l. 1,

um ponto, que, como o que se vê, na l. 2, após o I, foi posto a meio da linha, como é de hábito nas inscrições romanas. Antes do V, poderá ter havido a intenção de gravar uma letra, mas está apenas um traço oblíquo, paralelo à perna direita do V. No final, embora a barra não esteja muito perceptível, inclinamo-nos para ler T.

Torna-se aliciante considerar ANA o antropónimo português, na medida em que, em latim, a palavra se escreve com dois NN. Esse aspecto assim como o carácter inusitado do que se lê na l. 2 levam-nos a considerar que se trata, de facto, da menção a uma pessoa portuguesa, escondendo, porventura, a l. 2 os seus apelidos, conhecidos no meio para onde a pedra foi pensada. A ideia de estarmos perante um marco de propriedade não se nos afigura, pois, despicienda. E o propósito desta publicação aqui no *Ficheiro Epigráfico* baseia-se no facto de ter sido utilizada uma tipologia claramente romana, que assim se dá a conhecer, afastando-se a possibilidade de se estar perante uma ara romana.

JOAQUIM BATISTA
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



663